



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

QUESTÕES SOBRE A RECEPÇÃO DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA E ANÁLISE DE TEXTOS DA IMPRENSA PORTUGUESA: O CASO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Umberto de Souza Cunha Neto (USP)

Jefferson Agostini Mello (USP)

RESUMO: Estudar a recepção da literatura contemporânea estrangeira de língua portuguesa em Portugal: é justamente sobre esse tema que a comunicação proposta se debruça. A presença de uma obra em outro território, seja ela científica ou literária, implica uma série de “operações sociais” envolvidas no que Bourdieu chamou de “circulação internacional das ideias” (BOURDIEU, 2002). Quando pensamos nas literaturas escritas em língua portuguesa, e na circulação internacional dentro do que se chama atualmente de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) vemos que as operações sociais envolvidas aí incluem fatores como a relação marcada pelo passado colonial; ou ainda, há fatores particulares dentro do *campo literário* (BOURDIEU, 2002) português que podem influenciar a recepção de uma literatura naquele país. Partindo dessas informações, esse texto se propõe a analisar textos da imprensa portuguesa e tratar de semelhanças e diferenças nas leituras que se fazem, em Portugal, de autores brasileiros e africanos de publicação mais recente. Elegemos textos publicados nos principais jornais portugueses, como *Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias*, entre outros, como *corpus*. Neles, verificaremos resenhas, artigos, notícias, reportagens e entrevistas a respeito de autores de língua portuguesa premiados, é o caso dos brasileiros Bernardo Carvalho, Milton Hatoun e Chico Buarque, num contraste com textos acerca de diferentes autores também premiados de países africanos, como Ondjaki, Mia Couto, Arménio Vieira e Pepetela. Quer-se cotejar as leituras que autores de um e outros países recebem, estando todos eles na periferia da chamada “República mundial das letras” (CASANOVA, 2002) e tendo uma relação de passado colonial com Portugal.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Crítica da imprensa. Recepção. Sociologia da Cultura

Considerações iniciais

O presente trabalho objetiva analisar brevemente textos da imprensa portuguesa que tratem de obras estrangeiras produzidas por autores da chamada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Elegemos aqui três autores brasileiros – Bernardo Carvalho, Chico Buarque e Milton Hatoun – e contrastamos com autores de alguns

países africanos de língua oficial portuguesa - Ondjaki, Mia Couto, Arménio Vieira e Pepetela. O recorte se deu por alguns aspectos, há de se considerar em primeiro lugar a importância das editoras que publicam esses autores.

No caso dos brasileiros, a Cotovia, uma das principais editoras portuguesas se ocupa de parte das obras de Bernardo Carvalho e Milton Hatoum. Parte da obra de Milton Hatoum e de Chico Buarque foi publicada por editoras pertencentes ao grupo editorial Leya, responsável também pela publicação das obras de Ondjaki, Mia Couto, Arménio Vieira e Pepetela. Mais recentemente, no fim de 2015, a brasileira Companhia das Letras anunciou sua entrada no mercado editorial português, com a publicação de um romance de Chico Buarque.

O grupo editorial Leya, que abriga 17 selos editoriais sob seu nome, é líder dos mercados editoriais português, angolano e moçambicano, de acordo com informações da própria editora¹. Já a Cotovia é uma editora pequena, mas com público consolidado e a publicação de autores premiados, como é o caso dos brasileiros Bernardo Carvalho e Milton Hatoum, além de autores portugueses e estrangeiros. Por fim, a Companhia das Letras é a maior editora brasileira; em 2011, parte da empresa foi comprada pela britânica Penguin e, em 2015, a editora anunciou sua entrada no mercado editorial português.

Além da importância das editoras que publicam os autores sobre os quais detivemos nossa atenção, estes mesmos escritores foram premiados, seja em seus respectivos países de publicação, seja em Portugal. Bernardo Carvalho, Chico Buarque e Milton Hatoum ganharam o prêmio Jabuti, o mais importante prêmio Literário Brasileiro, em mais de uma ocasião; os três autores também já foram contemplados com o Prêmio Portugal Telecom, atual Oceanos. Já Ondjaki venceu o prêmio José Saramago e também o Jabuti, enquanto Mia Couto, Arménio Vieira e Pepetela foram vencedores do prêmio Camões, considerado um dos mais importantes prêmios de literatura em língua portuguesa. Guardadas as ressalvas particulares no que concerne um concurso literário, a premiação ajuda no reconhecimento das obras e, portanto, acreditamos que a comparação aqui proposta coteja obras em pé de igualdade no que toca sua qualidade e/ou seu reconhecimento.

Para esta apresentação, elegemos textos publicados nos jornais portugueses *Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias*, entre outros, bem como o *Jornal de Letras*. A

¹ <http://www.leya.com/pt/gca/leya-quem-somos/sobre-a-leya-about-us/> (acesso em 25/10/2016)

escolha dos veículos se deu pela relevância destes na imprensa portuguesa em geral ou na imprensa especializada.

A escolha das críticas às obras das literaturas africanas feitas em Portugal como objeto de comparação às críticas que escritores brasileiros contemporâneos recebem nesse mesmo país se deve, principalmente, à posição periférica em que o Brasil e os países africanos se localizam em relação à “República mundial das letras” (CASANOVA, 2002), sendo assim, a comparação parece menos desigual, visto que, de acordo com os parâmetros estabelecidos por Casanova, o campo literário seria menos autônomo nessas regiões periféricas. Além disso, a língua em comum e a relação entre ex-colônia e ex-metrópole também facilita a comparação aqui proposta.

Brasileiros em Portugal

Bernardo Carvalho, autor brasileiro contemporâneo, ganhou destaque em Portugal nos últimos anos. Artigos publicados no jornal *Público*², no final dos anos 1990, já davam conta daquele que, de acordo com o professor e cronista Eduardo Prado Coelho, “é muito provavelmente o mais importante escritor da nova geração de autores brasileiros”, ou ainda: “Bernardo Carvalho — que é desde já um grande nome da ficção dos nossos dias. *Em qualquer língua*”. Nota-se, no trecho destacado, que o autor é considerado mais que um grande nome da literatura *brasileira*; é colocado como um grande nome da literatura mundial.

A obra de Bernardo Carvalho começou a ser publicada em Portugal a partir do final de 1999. Alguns anos depois, já com algumas obras publicadas, as resenhas chamam a atenção para a forma do livro, a construção de enigmas ou o desenvolvimento de temática ligada à paranoia que perseguem suas histórias. Em nenhum momento, contudo, há algum tipo de referência a questões nacionais brasileiras, ou comparação de suas obras ou de sua escrita com outros autores brasileiros.

Pelo contrário, os textos que tratam de Bernardo Carvalho em Portugal buscam demonstrar um universo autônomo em que o autor se inscreve ou, ainda, um universo que ele constrói para si. Eduardo Prado Coelho, em um dos primeiros textos sobre Carvalho, publicado no Jornal Público, em novembro de 1998 afirma:

Não tenho a menor dúvida de que estamos na presença de um verdadeiro autor — isto é, de alguém capaz de estruturar um universo

² Todas as citações de artigos ou resenhas sobre de Bernardo de Carvalho foram obtidas por e-mail com a professora portuguesa Clara Rowland (Universidade de Lisboa) – todos extraídos do jornal *Público*.

com as suas regras e os seus princípios de funcionamento, com a sua unidade profunda e os seus eixos de variação.

O mesmo crítico, em texto de novembro de 1999, no jornal *Público*, afirma: “Bernardo Carvalho é muito provavelmente o mais importante escritor da nova geração de autores brasileiros”. Indo além, afirma que o autor conquistou alguns poucos leitores, no entanto, a despeito do pequeno número, esses seriam fanáticos, pois, segundo Prado Coelho:

A razão é simples: quando um autor cria um continente de escrita, ficção e imaginário, que lhe é totalmente próprio (na medida do possível, claro), nós sentimos que o mundo em que vivemos seria diferente sem a contribuição desse autor: daí o fanatismo. E a expectativa exigente com que aguardamos cada nova obra sua.

Temos um importante crítico literário que declara sua expectativa com as obras de Bernardo Carvalho. Eduardo Prado Coelho era crítico literário, professor universitário, e desenvolveu importantes trabalhos dentro do campo cultural português, além de ser figura conhecida da vida pública daquele país³, o que o habilita como importante tanto para a universidade quanto para a imprensa.

Por ocasião do lançamento de *O medo de sade*, pela editora Cia. Das Letras, Prado Coelho volta a falar em Bernardo Carvalho, no Jornal Público. Numa resenha que trata do novo livro do autor como uma “defesa do humano (...) contra a lógica de Deus” e que analisa profundamente a construção que o autor faz naquele livro, escrito sob encomenda da editora; Prado Coelho recomenda: “trata-se da mais importante descoberta na actual literatura brasileira”.

Esses textos do final dos anos 90 e início dos anos 2000 ajudaram a divulgar a obra de Bernardo Carvalho em Portugal e o consolidaram como o escritor de importância. Em texto de 2015, com a publicação de *Reprodução*, último romance do escritor, em Portugal, Isabel Lucas, no jornal *Público*, afirma que o livro:

É a reacção de Bernardo de Carvalho a este mundo que privilegia o discurso único, a leitura de primeiro grau, sem ironia nem imaginação, a ideia de que existe uma verdade num meio que parece absolutamente democrático, quando a democracia tem pouco a ver com absolutos.⁴

Vemos que mais de 15 anos depois da publicação das primeiras obras de Carvalho em Portugal, segue-se a chamada *leitura cosmopolita* de sua obra.

³ Informações do *Jornal Público*: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/faleceu-eduardo-prado-coelho-intelectual-publico-1303165> (acesso em 06/04/2016).

⁴<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-internet-cria-um-leitor-mais-burro-e-mais-violento-1708522> (Acesso em 13/03/2016)

Outro autor que ganhou destaque na imprensa portuguesa foi Milton Hatoum. Em entrevista publicada no extinto jornal português *O independente*, em abril de 2000, por ocasião da publicação de *Relato de um certo oriente*, em Portugal, o jornalista – entre várias perguntas a respeito da biografia de Hatoum, o tempo que passou fora do Brasil e seu regresso a Manaus – questiona o autor a respeito da “identidade cultural brasileira” e justifica a pergunta com o fato de que o livro *Relato* descreve “o encontro de duas civilizações”. Chama atenção nesse, que é o texto mais antigo da imprensa portuguesa a respeito de Hatoum encontrado no site do autor, a referência intensiva à biografia do autor e uma cobrança de que ele fale sobre uma “identidade brasileira”; sobretudo quando contrastamos com os primeiros textos acerca de Bernardo Carvalho; a este último é atribuído o título de grande autor contemporâneo em qualquer língua, já a Hatoum, em uma entrevista, dirigem-lhe questões de cunho biográfico e relacionam sua obra ou livro a questões brasileiras como identidade cultural e miscigenação.

O mesmo se nota no final de outra entrevista, publicada na revista *Focus*⁵, também no ano 2000. Após a descrição do *Relato*, sendo editado à época, em Portugal, pela editora Cotovia, e seguindo perguntas a respeito da vida e obra do autor, a entrevistadora Isabel Lucas encerra o seu texto da seguinte forma:

Conhecedor das letras portuguesas, admira José Saramago, António Lobo Antunes, José Cardoso Pires e Augusto Abelaira, afinal, os mais conhecidos no seu país a par de Fernando Pessoa. É ao poeta que retira a frase já cantada: “Minha pátria é minha língua.” “Com ela pode-se mesmo quebrar as distâncias.” Mesmo a partir do seu mundo, a Amazônia.⁶

Notemos a última frase do trecho e vejamos o significado que ela atribui ao autor e sua obra: diferentemente de Carvalho cujo alcance da literatura era o mundo, Hatoum tem um mundo restrito, um mundo “seu”, que é a Amazônia, de onde suas histórias “falam”, e por falarem português conseguem quebrar distâncias, mas ainda assim não se desligam de “seu” mundo.

Seguindo nosso trabalho, não poderíamos fugir de Chico Buarque. O site oficial do autor⁷ reúne grande parte da fortuna crítica de seus romances e ali se pode encontrar artigos, reportagens e resenhas. O primeiro texto que chama a atenção é um artigo do *Jornal de Letras*, posteriormente publicado pela *Folha de S. Paulo*; escrito pelo

⁵http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/03/DoisIrm%C3%A3os_Focus1_Portugal.jpg e http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/03/DoisIrm%C3%A3os_Focus2_Portugal.jpg (acesso em 17/03/2016)

⁶http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/03/DoisIrm%C3%A3os_Focus2_Portugal.jpg (acesso em 17/03/2016)

⁷ <http://www.chicobuarque.com.br/> (acesso em 29/03/2016)

português José Cardoso Pires, publicado em 1991, ano da publicação de *Estorvo*, primeiro romance de Chico Buarque. No artigo, é notável a maneira como Cardoso Pires lê o romance de Chico como parte da literatura (geral, não uma literatura específica, brasileira) que está em busca da identidade; para o autor:

De há muito, para mim, que escrever é uma busca de identidade - o trabalho de alguém que, através das personagens e da escrita, procura uma identificação consigo próprio, com a realidade vivida e com a língua em que se exprime. (...)Este romance de Chico Buarque, logo à primeira leitura, afirma-se como uma demonstração exemplar disso mesmo.⁸

A esta declaração inicial se seguem referências ao conteúdo do romance como o retrato de um sujeito em busca de uma fuga da realidade da qual ele se aproxima e que o trai:

É isso o estorvo. Essa presença que deambula por um mundo em esclerose e que o descobre envolvido, por vezes, numa imagem mitómana de si mesmo e declaradamente instalado em máscaras de sedução.⁹

Tem força, no trecho acima, o uso da palavra “mundo”, como uma referência ao espaço que o personagem do romance e o tema deste se desloca. Aliás, reforça a ideia dessa leitura cosmopolita de *Estorvo* a referência que Cardoso Pires faz em um dos seus parágrafos: “Por trás disto (ou por dentro disto) está um Brasil, um Rio de Janeiro que à primeira abordagem se insinua em moldura de telenovela, mas que imediatamente deflagra em conflitos de terror.”¹⁰; o autor que, aqui, faz as vezes de crítico literário não vê o livro como um retrato da realidade especificamente brasileira – esta última apareceria por trás de uma história que se passa em “um mundo em esclerose”.

O texto de Cardoso Pires segue numa análise comedida a respeito de aspectos formais do romance, como fica claro em um dos trechos do texto:

Em *Estorvo* percebe-se que o modo de narrar se processa por um embate imediato desenvolvido em aproximações sucessivas; a busca da frase, da palavra, desenvolve-se através dum movimento de apropriações objectivas - e daí resulta uma prosa visual que não cede à metáfora tentadora nem à elongação poética por mais poeta que seja o seu autor.¹¹

No entanto, o final do texto nos remete a uma declaração apaixonada pela obra de Chico Buarque; nas últimas linhas de seu texto, Cardoso Pires confessa a alegria por ter chegado “do outro lado do Atlântico” esse romance. A análise das críticas da obra

⁸ http://www.chicobuarque.com.br/critica/mestre.asp?pg=estorvo_critica.htm (acesso em 29/03/2016)

⁹ *Idem*

¹⁰ *Ibidem*

¹¹ *Ibidem*

literária de Chico, aliás, revela o tom subjetivo e sentimental com que, em grande parte dos textos, seus escritos são tratados. As referências à carreira musical de Chico Buarque e ao carinho e admiração que o artista desperta perseguem grande parte dos textos (quando não são expressas pelos próprios autores desses textos).

É o caso de uma entrevista feita por Ana Cristina Leonardo na casa do escritor, no Rio de Janeiro, por ocasião da publicação de *Leite Derramado*, em 2009. Questões sobre a carreira musical de Chico Buarque são contrapostas à surpresa que a sua carreira como literato desperta na crítica e no público em geral. Parte-se, no geral, de um julgamento positivo das obras, porque elas são feitas pelo *ídolo* Chico Buarque:

Todos os brasileiros a quem disse que vinha falar consigo comentavam, como que emocionados: "Oh! Meu Deus, vai entrevistar o Chico!" (...). (...) o que pude confirmar, até pela forma de tratamento, "o Chico", é que o seu estatuto é de ídolo. (...). (...) No longo caminho para cá (risos) tive tempo para reformular uma pergunta. Ia perguntar-lhe porque é que um letrista - e muita gente não hesitaria em chamar-lhe poeta de canções - prefere a prosa. Mas depois pus-me a pensar que muitas das suas letras contam histórias. (...).¹²

Os trechos acima elencados, que são partes das perguntas feitas pela entrevistadora, para Chico Buarque, demonstram que a abordagem que se faz ao artista traz consigo o peso de seu nome. Além disso, a entrevista carrega pré-julgamentos da própria jornalista, como se nota no final do trecho acima, em que há já a conclusão dela de que Chico seja um poeta, mas que prefere a prosa; inclusive, o próprio artista desfaz essa conclusão da jornalista: "eu nunca escrevi poesia. Assim como nunca escrevi uma letra de música sem música. A minha letra é feita em função da música. Sou músico antes de ser letrista."¹³, ou, mais à frente: "Eu já disse várias vezes que não sou, não quero ser escritor, não faço questão de ter essa toga, essa carteirinha, de pertencer a esse clube. O meu mundo é o mundo dos músicos."¹⁴.

O que os trechos acima querem demonstrar é a dificuldade de lidar com a crítica de Chico Buarque que, mesmo fora do Brasil, mostra-se apaixonada e se deixa contaminar pela fama do músico-escritor.

Africanos em Portugal

O autor angolano Ondjaki, ganhador do Prêmio José Saramago de 2013 foi saudado com uma resenha bastante positiva acerca de seu livro *Os transparentes*

¹² <http://expresso.sapo.pt/actualidade/chico-buarque-o-meu-mundo-e-o-dos-musicos=f530183> (acesso em 29/03/2016)

¹³ *Idem*

¹⁴ *Ibidem*

(2012). Embora bem avaliado no sentido de construir um retrato fiel (ou “definitivo”, para usar uma expressão do crítico) da cidade de Luanda na contemporaneidade, a boa avaliação do autor se dá por comparação a outros autores de Angola:

Odonato subiu aos céus com a leveza da sua transparência: um homem que de tão transparente atraiu as atenções que antes a sua invisibilidade de pobre escondia. E com ele levou Ondjaki para os lugares mais altos da literatura angolana. Onde está Luandino Vieira, onde está Pepetela, onde está José Eduardo Agualusa, brilha agora com intensidade Ondjaki (...).¹⁵

Chama a atenção, de partida, duas questões: a primeira delas é que o texto coloca o autor como um grande nome da literatura *angolana*, junto a outros grandes autores dessa mesma literatura. Embora se avalie a obra literária como detentora de qualidade, ela não figura como grande obra da “literatura geral”, até mesmo os conhecidos “grandes nomes” como Pepetela, Luandino Vieira e Agualusa, aos quais Ondjaki é comparado, são grandes dentro da literatura nacional de Angola.

A segunda questão que chama a atenção é justamente a necessidade de inserir o autor dentro de uma tradição literária de grandes autores. Isso acontece em mais de uma resenha. No trecho acima, Ondjaki sobe para o lugar alto da literatura angolana e é comparado a autores mais velhos e considerados ícones da literatura daquele país. Em outro texto sobre o mesmo livro e autor, publicado no jornal *Público*, lê-se:

Luanda tem sido personagem principal de uma história da literatura angolana ainda por contar, e Ondjaki admite inscrever-se nessa linhagem: de Luandino Vieira a Manuel Rui, falar da capital é falar também de Angola, falar de migrações internas, em diferentes dialectos, falar de privações, de dificuldades, de luxos e extravagâncias, de relações hierárquicas, de corrupção e poder, nessa "realidade tão acelerada" que ultrapassa as possibilidades da ficção.¹⁶

Aqui a inserção de Ondjaki numa “linhagem” é atribuída ao próprio autor. Ainda assim, chama a atenção que parágrafos depois, na mesma resenha, o crítico diga: “Aqui estão, portanto, os transparentes. Translúcidos, através dos quais podemos ver o mundo (Angola)” – note-se que não seria Angola uma representação do mundo, mas referir-se ao mundo seria uma maneira de falar especificamente de Angola.

Uma questão a respeito da crítica sobre obras de diferentes países africanos é a referência da literatura à terra; não só como vimos em Ondjaki, que é um grande nome da literatura “de seu país”, especificamente, mas também pela relação do conteúdo das

¹⁵ <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/luanda-retrato-literario-1658089> (Acesso em 03/04/2016)

¹⁶ <http://www.publico.pt/angola/jornal/que-fazer-enquanto-luanda-arde-25523600> (acesso em 03/04/2016).

obras com os locais de publicação. As resenhas de Ondjaki trazem a marca do país ou da capital já no título, muitas vezes: “Que fazer enquanto Luanda arde”, diz-nos uma resenha de Raquel Ribeiro; “Luanda, retrato literário”, no texto de António Rodrigues; “A Luanda de Ondjaki está diferente”, diz também o título de Jorge Marmelo – todos do jornal *Público*.

Sobre Pepetela, o primeiro parágrafo de uma notícia nos diz: “Um retrato mordaz da nova burguesia formada desde a independência de Angola, (...) está no centro do enredo do novo romance do escritor Pepetela (...)”¹⁷. Mais uma vez o país é o centro de uma obra literária.

A respeito de Armínio Vieira, vale destacar o trecho “A escolha do júri causou alguma surpresa, mas este prémio vem reconhecer uma das vozes mais singulares da literatura contemporânea da África lusófona”, publicado no jornal *Público*, quando o autor foi anunciado como vencedor do prêmio Camões.

Apesar dessa aparente necessidade de inserir os autores do continente africano dentro do escopo de suas literaturas nacionais, merece referência o fato de que a resenha do livro *Sonhos azuis pelas esquinas* (2014) traz uma aproximação entre Ondjaki e o argentino Borges: “talvez o conto ‘Buenos Aires’ esteja carregado de Borges, mas Borges podia transbordar noutra cidade”¹⁸. Além disso, quando o moçambicano Mia Couto venceu o Prêmio Camões (2013), o jornal *Público* trouxe na notícia a fala de um dos jurados do prêmio que afirmava que o autor:

(...) consegui “passar do local para o global”, numa produção que já conta 30 livros, que tem extravasado as suas fronteiras nacionais e tem “tido um grande reconhecimento da crítica”. Os seus livros estão, de resto, traduzidos em duas dezenas de línguas.¹⁹

Conclusões

Para ajudar a concluir a linha de raciocínio que aqui buscamos desenvolver, podemos recorrer à professora Inocência Mata. Em artigo intitulado “A utopia cosmopolita na recepção das literaturas africanas” (2011), a acadêmica questiona a validade ou o argumento de certos julgamentos que a mídia cultural portuguesa faz acerca dos autores dos países que tem o português como língua oficial. Vejamos como começa o seu artigo:

¹⁷ <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/novo-romance-do-angolano-pepetela-lancado-esta-semana-1237833> (acesso em 03/04/2016).

¹⁸ <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/a-chuva-ou-mais-elementos-1667162> (acesso em 03/04/2016)

¹⁹ <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/xxxxxx-premio-camoes-foi-para-o-escritor-1595653?page=2#/follow> (acesso em 03/04/2016)

Um leitor mais atento ficará incomodado com o seletivo “fogo-de-artifício” mediático no mundo literário em Portugal com que se faz a celebração de determinadas obras dos escritores dos países de língua oficial portuguesa, até mesmo antes de serem lidas (qualificadas sempre com o recorrente grau de superlativo: excelente, notável, incontornável...). (MATA, 2011, p. 3).

Já de início a professora fala do apelo da mídia no “mundo literário em Portugal” e afirma a celebração da obra de escritores de língua portuguesa. Podemos nos remeter tanto a Bernardo Carvalho quanto a Ondjaki: a obra daquele é celebrada tanto quanto a deste, no entanto, com diferenças que a professora assinala na sequência do artigo: segundo a estudiosa, um autor africano tende a ter uma leitura que enfoque a “nacionalidade cultural” ou a “origem étnica” do escritor/da obra – ainda que essa possa ser lida numa chave mais “universalizante”.

Até aqui, nenhum problema. No entanto, a professora afirma que não é essa uma leitura fechada, mas tendenciosa. Mata continua:

E o que se vem, aliás, notando é que a questão está inquinada: é que, quando se quer que um escritor se erija, por sua iniciativa ou por conveniência grupal ou segmental, a representação de ou o paradigma de pertença a um sistema literário, o discurso sobre a sua nacionalidade literária é fechado e definitivo. (...) se, pelo contrário, se pretende que o escritor deambule, convenientemente, por um indefinido “entrelugar” literário, então a sua nacionalidade literária passa a ser indiscutivelmente global, desterritorializada, moderna (...). (MATA, 2011, p. 4)

Exatamente aqui reside a diferença que estamos levantando. A leitura cosmopolita ou a inserção do autor dentro de um sistema literário – por comparação com outros autores, seus conterrâneos – vão além de uma questão intratextual (embora essa possa aparecer) e estão associadas a questões de julgamento pessoal. Aliás, é justamente nessa linha que Mata segue sua argumentação.

A professora afirma o poder de “orientação” da mídia cultural portuguesa, dentro do *campo literário* daquele país. Aliado a esse poder da mídia estão “(...) o mercado e os lóbis, que condicionam as preferências curriculares, num círculo vicioso em que a consequência alimenta a causa e vice-versa (...)” (MATA, 2011, p. 7). Assim, para Mata, está em jogo uma relação entre a antiga metrópole e as ex-colônias: “o olhar português em relação à África está, ainda, ligado a circunstâncias históricas que definem, em cada momento, afetos e ressabiamentos.

O que fica, portanto, é a leitura imparcial da imprensa portuguesa. No caso de Bernardo Carvalho, autor e obra parecem chegar juntos ao país, numa apresentação dele como um grande autor e de sua obra como detentora de qualidade superior,

independente da literatura de seu país de origem. No caso de Hatoum, a obra de autor chega ao país e é lida considerando seu país de origem e sua biografia – uma leitura quase que regionalista de sua obra, um retrato da Amazônia e etc. Já Chico Buarque constitui um caso à parte, já que sua fama como músico popular ultrapassa qualquer fronteira e chega antes de qualquer consideração sobre o Chico Buarque “escritor”.

O caso dos autores africanos de língua portuguesa se aproxima muito do exemplo de Milton Hatoun. Praticamente todos eles terão uma leitura que aproxima questões de sua escrita a um retrato do local (seus respectivos países ou suas cidades). Excetuam-se, nesse caso, a obra de Mia Couto, que alçou um espaço que não mais se prende à literatura nacional moçambicana – para a crítica – e um único texto (entre os lidos) que se refere a Ondjaki também como um grande nome de uma literatura que não é só angolana.

As diferenças, portanto, entre as leituras críticas da imprensa, estão na oposição entre leituras mais cosmopolitas ou mais “nacionais”, também na inserção ou não de um autor no sistema literário de seu país, sobretudo comparando-o a outros autores considerados “grandes” dentro das literaturas nacionais. Entendemos que essas dissensões estão marcadas por diferentes fatores: questões ligadas aos sistemas literários e à construção interna das obras, bem como questões de julgamento pessoal dos críticos e dos interesses de uma mídia cultural com forte influência dentro do *campo literário* português.

Referências

BOURDIEU, Pierre. “As condições sociais da circulação internacional das ideias”. (Tradução de Fernanda Abreu). *In: ENFOQUES – Revista Eletrônica*, Rio de Janeiro, v.1, n. 01, p. IV – XV, 2002.

_____. (2002). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras.

CASANOVA, P. (2002). *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade.

_____. (2005). “Literature as world”. *New Left Review*, n. 31, p. 71-90.

MATA, Inocência. “A utopia cosmopolita na recepção das literaturas africanas”. *In: Mulemba*. Rio de Janeiro, v.1, n. 4, p. 3 -15, jul. 2011.